

Diários escritos de uma residência sonora: relatos das obras que fiz, não fiz ou que talvez faça algum dia

Written diaries from a sound residency: reports on the works I did, didn't do or might do one day

Diarios escritos de una residencia sonora: informes sobre los trabajos que hice, no hice o podría hacer algún día

Lucas Carvalho Rôla

Professor da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes/
Doutorando UFMG

E-mail: doisde@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-003-0132-0946>

RESUMO

Por ocasião da residência artística “Instalações Sonoras”, que aconteceu no Centro Cultura da UFMG, entre os dias 22 e 25 de julho, com os professores Damián Rodríguez e Lucas Kühne, como parte da programação do 56º Festival de Inverno, desenvolvi um diário artístico-literário. O texto é baseado em fatos reais, nas interações estabelecidas com os outros artistas da residência, mas também assume aspectos ficcionais, consistindo em uma obra que foi exposta com suas páginas deixadas sobre uma mesa na galeria. Nele, além de se discutir os processos criativos meus e de outros artistas, obras que se fizeram ser e ideias que não se materializaram, também há reflexões sobre o que convoca à

RÔLA, Lucas Carvalho. **Diários escritos de uma residência sonora: relatos das obras que fiz, não fiz ou que talvez faça algum dia**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 15, n. 33, jan. 2025

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2025.53808> >

634

criação da arte, os limites das possibilidades da produção artística, noções como as de obra boa e obra ruim, expectativas e preconceções que agenciam a criação, bem como a ideia da arte como aparência de arte.

Palavras-chave: *processo criativo; texto de artista; diário artístico.*

ABSTRACT

On the occasion of the artistic residency “Sound Installations”, which took place at the UFMG Culture Center, between the 22nd and 25th of July, with professors Damián Rodríguez and Lucas Kühne, as part of the 56th Winter Festival, I developed an artistic-literary diary. The text is based on real events, on interactions established with the other artists during the residency, but it also takes on fictional aspects, consisting of an artwork, which was exhibited with its pages left on a table inside the gallery. In it, in addition to discussing my and other artists' creative processes, works that came to be and ideas that did not materialize, there are also reflections on what calls for the creation of art, the limits of the possibilities of artistic production, notions such as good work and bad work, expectations and preconceptions that guide the creation, as well as the idea of art as the appearance of art.

Keywords: *creative process; artist writing; artistic diary.*

RESUMEN

Por motivo de la residencia artística “Instalaciones de sonido”, realizada en el Centro de Cultura de la UFMG, entre los días 22 y 25 de julio, con los profesores Damián Rodríguez y Lucas Kühne, como parte de la programación del 56º Festival de Invierno, desarrollé un diario artístico-literario. El texto se basa en hechos reales, en interacciones establecidas con otros artistas de la residencia, pero también adquiere aspectos ficticios, consistente en una obra, que fue expuesta con sus páginas dejadas sobre una mesa de la galería. En él, además de discutir mis procesos creativos y los de otros artistas, obras que surgieron e ideas que no se materializaron, también hay reflexiones sobre lo que llama a la creación de arte, los límites de las posibilidades de la producción artística, nociones como de buena obra y mala obra, las expectativas y preconceptos que guían la creación, así como la idea del arte como apariencia del arte.

Palabras clave: *proceso creativo; texto de artista; diario artístico.*

Diários escritos de uma residência sonora: relatos das obras que fiz, não fiz ou que talvez faça algum dia

Obs. 1. Tome este texto como uma ficção baseada em fatos reais.

Obs. 2. Este texto é muito mais de um heterônimo meu do que meu propriamente dito. Eu inventei uma forma de articular esta escrita que não tem muito a ver com o que eu faço ou já fiz. Até porque só escrevi diários quando eu tinha 10 anos e todos os meus dias eram iguais.

Obs. 3. Como eu escrevi todo o texto em três dias, creio que haverá erros de português. Farei o melhor para tentar corrigir tudo. Mas os erros têm sua forma própria de burlar a vigília dos nossos olhos.

2º Dia

Só pude chegar no segundo dia da residência quando, ao final de diversas dinâmicas coletivas desenvolvidas pelos professores Damián e Lukas, já devíamos apresentar algumas ideias.

Notei que as janelas da galeria eram cobertas por chapas de madeira, resultando em um vão. Então, de supetão, o que me ocorreu foi colocar um som atrás dessas chapas para as pessoas ouvirem. As chapas davam a impressão de uma parede, então sugeri a ideia de colocar “segredos”, pois faria jus à noção de ouvir pela parede.

Muitas pessoas, no entanto, pareceram gostar da proposta e isso me deixou um pouco resabiado.

Tenho receio quando pessoas da arte gostam muito de uma ideia. Significa que ela é devidamente artística. O que, em outras palavras, quer dizer que ela atende a algumas concepções e expectativas já comuns de obras que podem ser consideradas boas.

É um dilema. Quase nunca sei se uma obra parece boa, ou é boa. Ou se arte que parece boa já é, portanto, boa. Arte como aparência como aparência como aparência... É, às vezes, o caso.

Mas quero dar mais atenção às obras ruins, às ideias ruins. E ter mais coragem e disposição para isso. Uma ideia ruim honesta, e feita honestamente, é melhor do que uma ideia que tenta ser muito boa – isso com certeza.

Outra questão é que eu gosto particularmente da ideia da “obra ruim”.

...

Mas, afinal, o que seria a “obra ruim”?

Toda vez que eu penso na “obra ruim”, consigo já ver algumas pessoas da arte dizendo que a arte já superou há muito tempo esses critérios de arte boa e arte ruim, e que há tantos outros lugares para a arte que não passam por essas questões qualitativas, como o sublime.

Mas, no fundo, todo mundo tem suas bússolas qualitativas, por mais heterogêneas que sejam, e por mais que às vezes tentem dizer que já as superaram. Inclusive, eu sou ressabiado com as pessoas que dizem que precisamos superar dualismos, porque costumam ser as mais duais que eu conheço.

No meio da arte e da academia encontrei já muita gente assim. As pessoas que estudavam ou defendiam determinada coisa eram, muitas vezes, as pessoas que mais precisavam daquilo que defendiam ou estudavam, porque eram justamente o avesso do que apregoavam.

Pessoas que diziam sobre superar dualismos e eram duais; pessoas que apregoavam a tolerância e eram dogmáticas; pessoas que falavam muito sobre coletivo e, no final das contas, eram as mais individualistas.

A separação do discurso da prática é um lugar de privilégio da hipocrisia e dos autoenganos.

Pelo menos existe a dignidade sincera de assumir nossas incompetências. Eu, atualmente, sei muita coisa de mim: eu sou mais conservador do que eu imaginava, mais dual do que eu imaginava, mais bitolado do que eu imaginava. E, paradoxalmente, devo ser menos isso que muita gente também talvez...

Ademais, não é necessário uma percepção muito profunda para compreender que, para mim, a “arte ruim” é praticamente uma ideia-forma platônica.

É a arte perfeita e absolutamente ruim para aquele contexto. A arte impossível para todos, inclusive para o próprio artista. Arte que o desconserta, que incomoda sem ser evidentemente ofensiva, que liberta por ser abdicada, mas cuja abdição exige o comprometimento da coragem.

A arte que nos escapa. Sim, há sempre uma arte que nos escapa, por alguma razão.

Para fins objetivos: arte que seja o perfeito negativo do seu contexto. O que, em outras palavras, é só uma atualização do conceito do – como disse Oiticica – “problema antigo” da antiarte. Mas fazer o quê? A gente sempre sucumbe diante do historicamente construído.

...

Não abdiquei da proposta de todo, contudo. O prof. Lukas sugeriu que das chapas que cobriam as janelas, sem qualquer aparelho sonoro, já se ouvia ressoarem os ruídos de Belo Horizonte. E eu gostei do fato de que essa fala também ressoou mais tarde na minha cabeça.

Fiquei pensando nisso. Ouvir Belo Horizonte.

Minha métrica para fazer uma obra é a exigência subjetiva. Se a ideia não se cansa de aparecer, então é porque ela quer existir. Não necessariamente agora, mas algum dia, quando nossos espíritos se alinharem: ela com a vontade de se fazer ser e eu com a vontade de produzi-la.

A partir do que Lukas disse, pensei em fazer duas paisagens sonoras: uma que fosse o som de Belo Horizonte, sem nenhum aparelho sonoro. E outra que fosse o som de “outros horizontes”. Eu colocaria som de mar, de chuva, de ventania, de horizontes íntimos e ampliados, internos e externos, ínfimos e eternos.

Ficaria legal. Um pouco aparência de arte boa, mas legal.

Tem que ver se essa ideia vai ficar comigo tempo suficiente para eu querer fazê-la. Por ora, devo confessar que abdiquei da ideia da arte perfeitamente ruim. Vou ter que me contentar com as obras que podem parecer boas.

...

3º Dia

Os profs. Lukas e Damián falaram para fazermos grupos pequenos, de duas a quatro pessoas, para discutirmos entre si nossas ideias e nos ajudarmos.

Meu grupo foi Patrícia e Thainá.

Patrícia já está com uma ideia muito bem definida, que envolve ouvir três relógios em sincronia, cujo barulho conjunto é semelhante ao de um coração batendo. Os corações vão ficar numa caixa e poderão ser ouvidos por um estetoscópio. Também poderão ser vistos por um olho mágico.

Sugeri que a caixa fosse vermelha e ela parece ter gostado da ideia. Vai combinar também com a cor do estetoscópio. Ela também tinha dúvidas sobre o nome “O que me toca por dentro?” – se era óbvio demais.

Quisera eu saber o que é óbvio. O óbvio, muitas vezes, é aquilo que passou muito tempo silenciado até finalmente a gente perceber.

Thainá está com vontade de trabalhar com os sons de suspiros, mas ainda não chegou à uma forma. Ela falou da proximidade necessária para se poder ouvir o suspiro de alguém e isso me trouxe a ideia de intimidade.

Semana passada, eu imaginei uma instalação que, dentre outras coisas, teria um travesseiro na parede. Achei que valeria a pena sugerir algo assim e ela parece também ter gostado da proposta.

Um travesseiro é um bom espaço para se ouvir suspiros. Para choros também.

Quantas pessoas não choraram nos seus travesseiros? São choros, às vezes, silenciosos, choros de uma solidão fundamental. É possível chorar junto com alguém em um travesseiro. Mas creio que seja uma atividade mais solitária. Os orgasmos, por sua vez, podem ser solitários ou coletivos.

Em todo caso, os travesseiros ouvem muitas coisas.

Talvez a obra cresça daí...

...

Como ambas já estavam resolvidas com suas propostas, aproveitei para contar-lhes de outra obra que me surgiu. Chamar-se-ia “Coisas que minha mãe gosta de ver”.

Outro dia, cheguei em casa, e minha mãe estava vendo televisão no quarto, com as luzes desligadas, numa altura absurda. Via alguma coisa violenta. Parecia que uma pessoa estava sendo estuprada. Ela gritava muito.

A televisão gritava muito.

Peguei-me pensando nessas coisas que a gente assiste. O título seria só uma brincadeira. Não é coisa só da minha mãe. Todo mundo vê esse tipo de coisa. Que sadismo *voyeur* é esse que nos faz se envolver com essas narrativas e o que isso diz de nós mesmos?

A ideia seria copilar essas cenas violentas e apresentá-las numa televisão de costas para a parede, para que só se pudesse ouvir os sons angustiantes daquilo que muita gente, naturalmente, assiste. E, quando assiste, tão envolvida com a narrativa está que nem consegue vê-la pelo prisma que se vê.

É essa a sentença mesmo: conseguir ver à distância o prisma com que se vê algo. Como levar essa prática para a vida?

Elas gostaram da ideia, mas preferem a ideia da parede e dos segredos. Sugeriram copilar segredos dos outros. Uma frase que disseram me marcou: “Quem não gosta de ouvir segredos?”.

...

A sugestão de algo que as pessoas gostam de ouvir me levou para o caminho avesso: algo que, do ponto de vista mais superficial, as pessoas não tendem a gostar de ouvir. Em outras palavras: xingamentos.

Fiquei com vontade de fazer uma máquina de xingamentos.

Mas é injusto com os xingamentos o caráter meramente pejorativo.

Um xingamento pode ser tão ou mais íntimo que os suspiros de Thainá. Eu mesmo tenho um grande amigo para quem quase todo dia envio músicas no *WhatsApp*, xingando-o das maneiras mais ou menos criativas que eu consigo encontrar. Já virou um ritual.

Algum um dia vou fazer uma instalação com todas as músicas depreciativas que eu fiz para ele. Vai se chamar *Pablo's songs*. Acho que essa é outra face da minha questão com a arte boa/arte ruim.

Para mim, fazer esses sons de *WhatsApp* absolutamente horrendos, insignificantes e restritos em público é equivalente a fazer uma obra que tende a ser bem-quista pelo meio especializado: uma vontade criativa que se realiza de alguma forma.

Também, não posso deixar de notar a contraforma do que funciona no meio – algo que esse meu amigo é particularmente bom em apontar, pois que, como ele é muito educado e gentil, sempre retribui meus xingamentos na mesma medida.

Uma troca justa e honesta.

Outro dia, mandou-me um belo conjunto de xingamentos, ironizando que a obra que eu fiz para a exposição “*Síntese*”, que está no piso abaixo de onde está sendo a residência, eram “umas palavras num papel preto pregado na parede”.

Eu expliquei para ele que era pior que isso, porque ainda copiei a ideia de artistas da década de 1960, embora as frases fossem minhas.

Ele me respondeu, com muita delicadeza, “grande bosta”.

...

Xingamentos estão nessa via de mão dupla. Podem ser efetivamente xingamentos, agressivos, ofensivos e direcionados. Ou podem ser algo que alivia as tensões psíquicas, aglutina e que até forma conexões rápidas.

Com isso em mente, decidi coletar xingamentos dos artistas da residência.

Aprendi com Anna que “istepô” é um xingamento típico de Floripa. Já Paola disse que “galado” é ofensa séria no Rio Grande do Norte. Sofia, de Juiz de Fora, foi inusitadamente a mais mineira de todas: “deixa de ser burricida, sô”, ou “filhote de cruz credo”.

Coletei diversos xingamentos: “songamonga”, “bobão”, “cabeça de porongo”, “fia das unha”, “fi da mãe”, “fi duma égua”. A ideia cresceu mais do que eu imaginava com a participação das pessoas. Ela é boa e ruim na medida certa. Mas não sei se o melhor dela se dará na proposta realizada.

Ou se ela já aconteceu na fala.

...

As melhores obras são, por vezes, aquelas que não teriam como virar arte sem se perderem na imposição de serem arte.

O rosto das pessoas tentando buscar os palavrões e xingamentos na mente; o fato de que a ideia não apenas despertou risos, como criou camadas de interações divertidas em diversos níveis, com pessoas e grupos diferentes; as imagens e memórias que os xingamentos trazem consigo... Ou mesmo a relação particular que cada um tem com os xingamentos (para alguns, parece pueril, para outros é algo distante; e para outros mais é parte integrante da vida prática); tudo isso são obras que não podem ser exatamente obras.

Marcelo mencionou “bobão”. O “bobo” no aumentativo assume um ar ainda mais infantil. Um xingamento é, de fato, algo infantil. Portanto, é algo de que o artista não pode abdicar – gosto da ideia de Freud de que o artista é alguém que consegue levar a criatividade que define o brincar infantil para a vida adulta, sem perder o princípio da realidade.

Em suma, alguém que se permite o jogo da fantasia/devaneio sem restrições.

Perguntei ao grupo de Ravik, Luana e Patrícia (essa Patrícia é outra, não a dos relógios), quando estavam terminando de ensaiar uma performance/dança que haviam concebido a partir de sacos de lixo. De início, não saiu nada muito diferente. Mas Luana tomou como questão de honra quando eu disse, entre brincadeira e provocação, que eles não eram bons de xingamentos.

Saiu-me com “excomungado”, que é maravilhoso.

Depois, fomos tomar um café na padaria da frente e a pesquisa espontânea continuou rendendo.

Existe uma questão interessante quando xingamentos são pensados fora do seu contexto objetivo de significação. Quando alguém xinga algum outro no calor do momento, a potência do xingamento é, em muitos aspectos, o próprio xingamento, e não sua elaboração.

Todavia, quando o xingamento se torna uma pesquisa de repertório, todo mundo quer sair dos lugares-comuns e encontrar os xingamentos que honram o universo dos xingamentos, mesmo que não sejam aqueles que mais tendem a sair no uso cotidiano.

Eu, sinceramente, descobri que há mais xingamentos do que eu imaginava e, quanto mais obtuso (será possível xingar um xingamento?), mais divertido.

Não sei quem disse, na mesa, “seboso”. E me pegou. “Seboso” é bastante sinestésico. Palavra que é ela própria muito sebosa. Alguém seboso pode ser seboso em tantas formas, objetivas e subjetivas. É um xingamento que dá para encher a boca ao falar e que convida à experimentação.

Quando vi, quase todo mundo da mesa estava pronunciando “seboso” de diversas maneiras, e de um jeito que dava gosto de ver.

Xingamentos bem-intencionados são realmente um aglutinante fabuloso.

...

Quando voltamos ao Centro Cultural, a sala estava em ebulição. No dia anterior, o Prof. Damián havia falado do conceito de “massa sonora”, mas não me recordo quem ele mencionou que o havia concebido.

O desejo criativo de muitos artistas reunidos gera uma massa sonora. A necessidade de fazer algo surgir, um movimento efervescente. Mas confesso que a luta criativa na arte estava, naquele momento, muito sonora para mim.

Pensei no silêncio.

Haveria também uma “massa silenciosa”? Na noite de abertura da exposição “*Síntese*”, na semana passada, a reitora pediu um minuto de silêncio em respeito a alguém que falecera e essa performance não-performance, inusitada, casou completamente com a proposta da mostra.

Percebi que o silêncio se adensa, na mesma medida em que se produz através da aderência da participação. Quanto mais participantes, mais silêncio é. E, quanto mais silêncio é, mais densa fica a quietude.

Imagine se todos os artistas aqui presentes tivessem, ao mesmo tempo, um branco criativo? E o resultado final da residência fosse uma sala vazia? Um vestígio do que não se fez. E, assim, fez-se no não fazer.

Seria bonito.

Confesso que gosto dessa sala vazia. A exposição vai exigindo alguma construção, a construção exige alguma estruturação. A estruturação convoca um conjunto de ações de recepção.

Mas a sala vazia é sempre mais aberta às possibilidades. Toda a exposição traz consigo o silêncio das possibilidades que não se fizeram. Gosto dessas. Das obras que ficaram para trás.

Num universo alternativo, todas as obras que aqui não se fizeram existem. Eu não as conheço, mas pressinto sua existência, em algum lugar. Eu gosto delas assim.

...

Andrea estava chateada. Ela tinha uma ideia de uma peça que envolvia alguns instrumentos que trouxe. Mas não encontrou pessoas para executá-la. Eu tentei conversar com ela e sugerir alternativas e, mais tarde, ela veio me dizer que se sentiu melhor e acolhida com o diálogo.

Eu me pergunto se essa já não seria a obra?

Palavras que ajudaram uma pessoa em determinado momento. Quando eu estava indo para residência, uma moradora de rua falou algo comigo. Eu lhe perguntei como ela estava e ela me disse que estava mais ou menos.

Por alguma razão, eu lhe disse que não estava bem agora, mas iria melhorar. Senti que ela poderia achar minhas palavras vazias, mas ela abriu um sorriso e disse: “vai sim, meu bem. Tudo melhora”.

Foi uma obra, mas se passou.

Só tem esse registro, uma memória, a imagem do seu sorriso que permanece comigo. É isso, grandes obras do silêncio cotidiano. Um gesto de cuidado, uma gargalhada. Muita coisa que a arte só pode, no máximo, aludir, representar, fazer o que ela faz dentro do seu artifício.

Não tem jeito. Quando se tenta juntar demasiadamente arte e vida, alguma parte sai perdendo. É necessário manter as membranas das impossibilidades, ainda que comunicantes, para conservar seu maravilhamento.

...

Ao final do dia, fizemos uma roda para discutir novamente nossas propostas, até onde o desenvolvimento das ideias tinha chegado, e decidi não contar da proposta dos xingamentos. Ao invés disso, aponte para a parede da galeria, na qual havia uma placa que dizia: “As portas deverão permanecer abertas durante o horário de funcionamento”.

Disse que essa placa me lembrava das frases de segurança que costumam ser ouvidas nas estações de trem e metrô: “Cuidado com o vão entre o trem a plataforma”. E que pensei em fazer uma série de avisos sonoros para o espectador eventual que fosse na mostra resultante da residência: “Atenção. Não tire fotos das obras para postar no Instagram”; “Tome o cuidado de auxiliar os trabalhos expostos a fazerem sentido”.

Gosto da postura que as pessoas assumem numa galeria: o educado interesse, a forma de andar, como se detêm diante das obras. Há todo um ritual que o espaço promove, uma cena performativa inscrita na dinâmica do viver.

Um som que brinque com o teatro da recepção me agrada.

Além do quê, é uma ideia simples, rápida e objetiva. Mas a ideia que empolga muito corre também o risco de esmorecer igualmente rápido. E confesso que só falei dela para não ter que falar da proposta dos xingamentos.

A primeira ideia de todas não era sobre segredos? Então, vou deixá-la assim por enquanto. Uma existência intersubjetiva num pequeno grupo. Sem forma, mas formulada. Uma formulação, uma possibilidade que talvez se realize.

Na saída, muitos artistas vieram perguntando “ué, e a proposta dos xingamentos?”. Fiquei com a impressão que essa proposta depende mais do grupo do que de mim. Talvez nem seja mais tão minha. É assim. Uma obra pode ganhar forma por várias formas, inclusive quando outros a tomam mais para si do que o próprio artista.

...

4º Dia

Quando estava voltando para casa ontem, tive outra ideia: fazer um arquivo-fichário de sons. Mas não de sons que seriam objetivamente audíveis, e sim dos seus grafismos.

O gráfico do som tem intensidade, tempo e forma. Imaginei a caixinha com diversas fichinhas relativas a sons, representados pelos seus respectivos desenhos: “miado de gato”, “vento uivante”.

Eu gostei da ideia porque me lembra uma parte do Fedro, de Platão, em que Sócrates fala das diferenças entre a fala e a escrita, a fala como voz viva, presentificada, e a escrita como remédio (*pharmakon*) para uma fala que já não está mais presente, uma memória, registro.

Mas não quero entrar muito em questões filosóficas.

Também gostei da ideia porque remete à obra *Blood of a Poet Box*, de Eleanor Antin, que eu gosto muito.

Por falar em Platão, minhas obras são cópias de cópias de cópias de obras que gosto muito para as quais eu tento dar o meu próprio tempero. Kosuth e On Kawara costumam ser os privilegiados, mas eis uma oportunidade de celebrar Eleanor, embora não conheça tanto suas outras produções.

Cópias de cópias que, eventualmente, podem virar – aí, sim, ao inverso de Platão – uma obra autêntica.

A proposta tem o defeito de se parecer bem com arte.

Mas enquanto eu não conseguir chegar na obra “perfeitamente ruim”, tenho que me contentar com as que me parecem boas (pelo menos para mim). Embora, na prática, a situação seja um tanto quanto invertida: são as ideias das obras que nos convocam ou não.

...

Outro dia, li sobre uma língua indígena que teria apenas dois tempos verbais: o futuro e o não futuro. Uma proposta artística é isso. Pode se fazer obra ou não. Contudo, algumas ideias tão sedutoras são que nos convocam à realização.

A proposta me fez gostar dela.

Acho que essa é a melhor forma de dizer. Gostaria de lhe ser mais avesso. Porque ela também é boa aparência de arte. Mas não tenho como recusá-la. Ela toca em todos os pontos do meu gabarito artístico (e isso é mesmo a definição de sedução – tocar nos exatos pontos que apetece aquele a ser seduzido):

- 1) Se eu vejo a imagem da obra na minha cabeça, é um bom sinal. E essa eu consigo vê-la completamente (eu deveria colocar uma nota de referência a Sol LeWitt aqui, mas não sei se terei tempo);
- 2) Ela é bem resolvida conceitualmente;
- 3) Ela é simples de executar e carregar (odeio carregar coisas);
- 4) Ela é simples de montar (odeio montar coisas);
- 5) Mesmo que seja improvável, ela algum dia pode valer alguma coisa no mercado da arte. E me agrada muito a ideia de que algo bastante simples adquira um impensável valor quantificável financeiramente.

Como bônus, ela não exige dispositivos eletrônicos/digitais, que são sempre um problema para fazer funcionar e manter funcionando durante a exposição. E ainda permite um bom trocadilho no nome: “caixinha de sons”.

Ela é uma caixinha, mas está redondinha.

Mas o mais importante é que ela me engendra ansiedade. Já disse que, para eu realizar uma obra, é preciso que ela permaneça ressoando na minha mente, demandando existir. Mas as obras que verdadeiramente costumo fazer são aquelas que, mais do que demandar existência, me envolvem num estado de ansiedade criativa.

Meu cérebro precisa vê-las ao vivo e em cores.

Essa obra me causou esse sentimento logo que a tive, o que significou que eu a fiz da noite para o dia e que ela saiu mesmo à imagem e semelhança da ideia que eu tinha.

Não posso me negar à obra com cara de obra que eu faria. E fiquei feliz com a sua realização. Mais do que eu imaginava.

Todo artista tem um gabaritinho que ele faz, com muito zelo ao longo do tempo, e que ele chama de identidade. O que tem a mesma conotação do que Mario Quintana disse sobre o estilo: “um defeito de expressão”.¹

...

Os professores Lukas e Damián parecem ter gostado muito da caixinha. Acharam-na engraçada, em um sentido positivo. Damián tem uma risada que ficaria bem numa obra.

A recepção de ambos me alegrou de um jeito diferente, menos por mim, mais pela caixinha. Essa obra traz uma alusão indireta à condição de ser de toda e qualquer obra, porque toda obra (mesmo as que falam através de dispositivos) é um silêncio que precisa ser vivificado, decodificado, na apreensão.

Ao mesmo tempo, uma obra materializada ganha uma singularidade e autonomia muito particulares. Presentifica-se na sua ontologia.

Quando vi, já nem era mais minha. Estava lá, sendo obra para alguma outra pessoa. E me pareceu simpática a ideia animista de que a obra possa se alegrar com uma recepção entusiasmada e acolhedora ao que ela é.

Lukas, inclusive, disse que ela poderia estar no MoMa.

São palavras que podem tocar fundo na vaidade artística. Mas me tocaram e surpreenderam em outro sentido, pois se tratou de algo que já há algum tempo ansiava por ver acontecer, fosse ou não com uma obra minha.

A verdade é que é muito fácil legitimar o legitimado. Celebrar o celebrado. Aferir valor ao que já teve o valor aferido. Quantas pessoas não celebram as obras de museus, mas passam ao largo de obras pequenas, apresentadas em outras instâncias?

A gentileza de Lukas mostrou que é possível fazer o contrário. Olhar com carinho para uma obra, em qualquer lugar que seja, abrir-se a ela, sem precisar da patente do entorno. Vislumbrar para ela até os utópicos e desejosos futuros artísticos do acolhimento museal – o carimbo máximo da obra boa, o que, contraditoriamente, leva-me de novo à ideia da “obra ruim”.

...

Houve época em que fazer obras ruins, ou, para ser específico, obras que não fossem socialmente aceitas, era quase condição de partida para almejar o reconhecimento futuro. O “rito do egresso”, como chama Canclini. A obra era ruim hoje para ser boa amanhã.

Os artistas buscavam também a perfeição ideal da “arte ruim” para que ela fizesse a alquimia ulterior do reconhecimento artístico, mesmo que, para muitas pessoas, a arte reconhecida continuasse a mesma coisa, ou seja, arte ruim agora reconhecida.

Minha caixinha, como surgiu no contexto mais aberto da arte atual, foi bem recebida. Arte que parece boa. Mas quem sabe não pode ela fazer o movimento contrário também? Ser assimilada por um museu só para ser taxada de ruim por aqueles muitos que inconformam-se com as obras expostas nos museus de arte contemporânea.

Essa é uma perfeita arte ruim pela qual vale a pena suspirar: que minha caixinha de sons sem sons afronte um dia a sensibilidade de um inconformado espectador futuro.

Se isto acontecer e eu ainda estive por aqui, prometo colocar os sons de “isso não é arte” e, ou a pergunta “isso é arte?” numa das suas fichinhas.

...

Hoje o dia foi mais pragmático e eu ajudei Thainá a coletar os suspiros dos artistas para a sua/nossa obra. Gravamos numa sala com boa acústica. Foram 33 suspiros e uma coisa que me chamou atenção foi que muitas pessoas fizeram, sem combinar nem ver, o suspiro do outro, suspiros muito semelhantes.

Essa coincidência fez-me pensar nos suspiros que se suspira em conjunto, sem que se saiba, nem veja. Quantas pessoas será que suspiram ao mesmo tempo a cada segundo no mundo? Cada suspiro no seu canto e cada canto suspirando num mesmo tempo.

Uma pena que eu não seja matemático. Daria para fazer a estimativa.

É uma ideia bonita, que também só pode abrigar-se na arte por alusão: o fato de que pessoas em diferentes partes do globo estão, neste exato instante, suspirando em uníssonos apartados.

Thainá tentou dar alguns direcionamentos de “suspiroações”. Suspiro apaixonado, suspiro de cansaço, suspiro de raiva, suspiro suspiro. Houve bons suspiros. Marcelo e Nkima são suspiradores profissionais.

Em seguida, ela levou os arquivos para editar em casa e vamos ver que sinfonia vai dar. Será que ela vai suspirar muito editando a obra? É uma boa pergunta. Falando nisso, Paola e Javier fizeram uma espécie de entrevista sorteada com os artistas, um tarot inquisitivo.

Tínhamos que pegar cartas e responder. Para mim saiu a indagação do som que eu mais odeio. Eu demorei para lembrá-lo. Ódio é um termo forte. Mas me irrita profundamente pessoas que roncam perto de mim quando estou viajando num ônibus durante a noite.

O pior de tudo é que, nesses casos, geralmente não dá para falar nada. A pessoa que ronca é justamente a pessoa que dorme. Nesses casos, realmente, eu suspiro de raiva.

...

“Patético!”.

Achei que Anna estava me chamando de “patético” quando passei por ela na galeria, mas foi só a maneira que ela encontrou para me dizer que passara a noite anterior pensando em xingamentos. Pronunciou uma fileira deles iniciados em “P”: “patético”, “palermo”, “pateta”.

A ideia dos xingamentos, pelo visto, estava existindo já mais na mente dela do que na minha. Deve ser outra forma de “osmose estética”, para usar a expressão de Duchamp; a osmose estética de ideias artísticas entre artistas.

O fato de ela pensar na proposta me dá mais vontade de fazê-la. Do contrário, corre o risco de essa obra voltar-se contra mim e eu acabar tendo sido “patético” por não a colocar em execução – ainda mais com a oportunidade tão clara.

Mas, depois de gravar tantos suspiros, precisávamos de um respiro (esse é o tipo de trocadilho que eu não deveria fazer. Por isso mesmo vou deixá-lo aqui). Assim, saímos eu e Thainá para tentar encontrar um café expresso nas redondezas.

Thainá me disse que não gosta muito de andar no centro da cidade. Para ela, é muito caótico. Eu respondi que gosto de andar em qualquer lugar, contando que eu possa estar seguro e com saúde.

Esta é uma resposta da ordem do comunicável incomunicável. É necessário passar por determinadas experiências para compreendê-la. É uma resposta de vida, especificamente de amor a vida. Não há incômodos quando se pode gozar daquilo que um dia pode ter sido incômodo e que se tornou insignificante, quiçá desejável.

Poderia andar por muito tempo à caça do café expresso impossível, mas Thainá parecia mais ansiosa. Então sugeri que fossemos ao Mc Donald's, onde não haveria café, mas com certeza haveria um McCafé.

Ou seria MéquiCoffe?

...

O Mc Donald's da Praça Sete estava apinhado de gente, com pouquíssimas funcionárias que se desdobravam em múltiplas funções. Para completar, o monitor que chamava as senhas estava quebrado.

Thainá comprou um café pelo monitor de atendimento automático e ficamos esperando que a senha fosse gritada por uma pobre funcionária exacerbada de tarefas. A coisa demorou um bocado de tempo, com idas e vindas e perguntas para clientes e funcionários sobre como proceder para se conseguir o tão aguardado café.

Havia, pelo visto, realmente se convertido numa estranha caça ao tesouro da cafeína *express*.

Enfim, depois de muito tempo, a atendente simplesmente pegou, para nossa surpresa, um bule e serviu o café. Eu ouvi a voz de Thainá à distância perguntando "não é expresso?". Ao que parecia, nossa caçada aparentemente resultara infrutífera. O McCafé era, no final das contas, McCafé de bule.

Ou McBule Café.

Voltando pelas ruas, no entanto, ela me contou que a atendente disse que era expresso sim, mas que tinha sido passando antes.

Eu sempre achei que o café expresso implicaria invariavelmente num café feito na hora, e isso faria dele um café de preparo mais rápido. Mas, pelo visto, mais rápido que o café expresso feito é o café expresso que já estava feito.

Na dinâmica do trabalho, o expresso passado é mais expresso que o expresso.

...

De volta ao Centro Cultural, encontrei Júlia (Bernardes) experimentando/ dançando pelo espaço. Mas, quando lhe perguntei se ela pretendia fazer uma dança com a obra, ela riu e fez um movimento totalmente diferente.

Tinha a dança espontânea que ela dançava sem ser dança, que era uma investigação do espaço, e tinha a dança que era uma coreografia zoadá de dança, que igualmente daria uma boa e irônica dança.

Perguntei-lhe se ela sabia fazer uma cambalhota, que saiu, mesmo que meio sem jeito. Cair rolando é uma boa analogia para o que se sucedeu. Fomos, aos poucos, caindo rolando de cansaço, pelo menos o grupo de que eu estava mais próximo.

Quedamos falando amenidades.

Thainá disse que gostaria de cursar filosofia. Eu brinquei dizendo que filosofia arruína a vida das pessoas. É uma frase de que eu gosto e que espero que os entendedores não entenderão. Eu disse que gostaria de fazer dança. Anna falou sobre as conquistas da greve da UEMG.

Há uma certa “boniteza”, para usar um termo de Paulo Freire, mas uma boniteza melancólica no quão alegres ficamos, nós, docentes, com as menores das conquistas. É triste, por um lado, e ao mesmo tempo, também para usar outro termo de Paulo Freire, esperançoso por outro.

Também houve a inevitável conversa sobre os créditos e a pós-graduação. A outra Júlia (Arbex) quer fazer doutorado sanduiche. Esse nome deveria ser mais pensado, chegando até a sua surrealidade. Um doutorado que se come, uma tese a ser engolida. É uma ideia engraçada.

O fato é que, diante do nosso cansaço, inevitavelmente voltamos a procurar alguma energia no humor e, mais uma vez, a ideia dos xingamentos voltou à tona. Não sei exatamente como. Eu gostei do fato de os xingamentos terem sido listados no masculino. Primeira vez que os ditames da linguagem formal privilegiaram as mulheres.

Se o português usa do masculino genérico como referência, também é o masculino genérico o objeto, por princípio de listagem, dos xingamentos. Nesse aspecto, elas ainda me falaram de um xingamento muito comum para se referir aos homens, e que tem sido usado pelas gerações mais novas: “fubango”.

Que medo. Espero não ser um homem fubango, mas os xingamentos são da ordem do momento. Acho que a fubanguice é como a filhadaputagem. Em algum momento da vida, ela nos vence, nem que seja pelo cansaço.

...

A exceção para baixa de energia que estava nos contaminado foi Ravik, que, ao contrário, parecia ter encontrado uma revigorada disposição para já começar a organizar o espaço expositivo, prevendo a montagem e abertura no dia seguinte.

Andava para todo lado, pensando, ao mesmo tempo, no espaço como um todo e em cada obra. Achei muito gentil e consciencioso da parte dele, principalmente porque parecia conferir a todas as obras igual valor. É preciso mesmo alguém que se disponibilize para o coletivo e mais do que isso: é preciso alguém que traga energia quando a dos demais já se foi.

Ao fundo, via-se Gabriela montando, com muito zelo, e com ajuda de Luana, suas fotos e palavras na parede; e Lukas, Marcelo, Nkima e Damián sentados conversando em outro canto da sala.

Viam-se apenas seus gestos e bocas mexendo. Existe esse outro silêncio, o silêncio da distância, o horizonte dos eventos que demarca a fronteira em que as ondas sonoras já não alcançam nossa audição.

E eu parei para contemplar este filme mudo da paisagem.

Chaplin dizia que a vida é tragédia no plano fechado, ou no close, e comédia no plano aberto. À distância tudo mesmo fica outra coisa. As pessoas se tornam mais imagem. Retornando a Platão – mais uma vez Platão – a voz da conversa vivifica a presença. Mas a gestualidade sem fala distante produz o efeito da imagem.

À distância, toda pessoa é um simulacro. Mais irreal.

E, de alguma forma, faz a vida também parecer mais irreal. O cansaço e a distância tornaram o ambiente um pouco mais suspenso. Eu o vi, com as pessoas encenando suas vidas, quase como num estado de transe.

...

Quem me despertou deste transe foi exatamente Ravik, com sua energia presentificada organizadora do espaço. Passou por mim pela porta e, num ímpeto, lhe indaguei: me diga um xingamento. Ele abaixou a cabeça e pensou um pouco:

- Energúmeno!

Um ótimo xingamento. Ninguém tinha falado dele antes. Nem sabia como escrevê-lo a princípio. A lista já estava extensa: “cretino” (gosto desse porque me lembrei que deriva de habitante de Creta); “marmota”, “tonto”; “bundão”; “hijo de puta” (Javier sabe muitas línguas, mas até agora só me saiu com esse “barango”.... Vou passar o resto da lista aqui:

- “Sonseira”, “songomongo”, “vai te foder”, “cabeça de porongo”, “seu bosta”, “excomungado”, “fia das unhas”, “fia da mãe”, “fio duma égua”, “corno”, “arrombado”, “istepô”, “bobão”, “gado”, “seboso”, “fiote de cruz credo”, “galado”, “fraco de feição”, “desgraçado”, “sem noção”, “tapado”, “cagalhão”,

“molenga”, “pateta”, “palermo”, “boca de esgoto”, “tongo”, “escroto” e “sacripantas”, que eu pensei e foi um orgulho para mim. Espero poder usá-lo naturalmente algum dia.

Não posso deixar de imaginar algum estudante ou pesquisador no futuro que possa desejar saber sobre essa residência e acabe chegando a este texto apenas para descobrir que parte dos seus artistas passou uma boa parte dos dias pensando e falando sobre palavrões e xingamentos. Será essa, enfim, minha tão sonhada “obra ruim”?

...

Descobri que Sofia não estará presente amanhã. Então, por via das dúvidas, decidi gravá-la dizendo alguns xingamentos. Isadora, amiga dela, também contribuiu. Não sei ainda se essa obra vai se fazer ser, ou se já se fez...

Talvez seja mais engraçado o fato de que, depois de tudo, só existam esses dois registros sonoros. Mas é esperar para ver.

Amanhã, finalizaremos os trabalhos (o que quer que sejam ou se tornarão), montaremos e abriremos a exposição (o que quer que seja ou se tornará). Portanto, não escreverei mais este diário. Isto, se ainda não ficou claro, é minha última obra para a residência e, de todas, a menos planejada.

Vem se executando, despretensiosamente. Fazendo-se pelo fluxo da escrita, sendo o remédio para o que uma vez foi vida, de modo que foi o que deu para escrever durante o tempo da residência. E só pode ser se foi escrito até antes da residência acabar.

Enfim, agora, que caminho para os finalmentes, acabam de me ocorrer mais dois xingamentos que ainda não tinham sido mencionados por ninguém:

“Patife” e “Zé mané”.

Então que seja: se você leu até aqui, você é um patife é um zé mané. Mas lembre-se daquilo que eu falei. Xingamentos são ótimos aproximadores sociais. Significa que talvez, depois de todas essas páginas, já estejamos um pouco mais íntimos.

É uma obra ruim ou não é?

...

Pequena obs. de 5º dia: Paola me parou na escadaria e disse que se lembrou de outro xingamento: “cabeça de bagre”. Depois foi a vez de Anna, que falou que se lembrou de outro mais inusitado, que eu nunca tinha ouvido: “tanso”. Brinquei com ela que não valia inventar palavras. Mas, de acordo com o dicionário, este xingamento existe mesmo. Vai saber.

NOTAS

1 A expressão correta é “uma dificuldade de expressão”. Como o texto foi escrito todo em um fluxo, durante determinado espaço de tempo, as referências nele contidas foram todas feitas de cabeça. Optei por preservar os eventuais equívocos, mencionando as referências corretas em notas de rodapé.